

essa diagonal, embora aponte na direção de algum infinito, é limitada, encerrada, por assim dizer, pelas forças do passado e do futuro, estando assim protegida contra o vazio. Ela tem sua raiz no presente e permanece ligada a ele — um presente inteiramente humano, embora só realizado completamente no processo do pensamento e não durando além dele. Ela é a quietude do Agora na existência humana, pressionada e agitada pelo tempo. Para mudar a metáfora, ela é a calma que reina no centro do furacão, que ainda pertence a ele, embora dele seja totalmente diferente. Nessa lacuna entre o passado e o futuro, encontramos o nosso lugar no tempo quando pensamos, isto é, quando estamos distantes o suficiente do passado e do futuro. Estamos aí em posição de descobrir o seu significado, de assumir o lugar do “árbitro” das múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo, do juiz que nunca encontra uma solução definitiva para esses enigmas, mas respostas sempre novas à pergunta que está realmente em questão.

Para evitar mal-entendidos: as imagens que estou usando para indicar, metafórica e experimentalmente, a localização do pensamento só podem ser válidas no domínio dos fenômenos espirituais. Aplicadas ao tempo histórico e biográfico, essas metáforas não podem fazer nenhum sentido; aí não ocorrem lacunas no tempo. É apenas na medida em que pensa, e portanto que *não é*, nas palavras de Valéry, que o homem — um “Ele”, como Kafka tão precisamente o chama, e não um “alguém” — na realização total do seu ser concreto vive nessa lacuna entre passado e futuro, nesse presente atemporal.

Embora tenhamos ouvido falar dessa lacuna pela primeira vez como um *nunc stans*, o “agora permanente” da filosofia medieval, tornada modelo e metáfora para a eternidade divina sob a forma do *nunc aeternitatis*, ela não é historicamente datável, mas parece ser contemporânea à própria existência do homem sobre a Terra.¹³ Usando uma metáfora diferente, podemos chamá-la a região do espírito, mas talvez ela seja muito mais a trilha aberta pelo pensamento, a pequena e inconspícua trilha de não-tempo traçada pela atividade de pensar no espaço-tempo concedido a homens que nascem e morrem. Ao seguir esse caminho, as seqüências de pensamento, recordação e antecipação salvam tudo aquilo que tocam da ruína do tempo histórico e biográfico. Esse pequeno espaço não-temporal no âmago do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado nem transmitido pela tradição, embora cada grande livro de pensamento deixe-o entrever e como que o decifra — com diz Heráclito a respeito do Oráculo de Delfos, notoriamente críptico e indigno de confiança: “*onte legei, oute krytei alla semainei*” (“ele não diz nem oculta, ele insinua”).

Cada nova geração, cada novo ser humano, quando se torna consciente de estar inserido entre um passado infinito e um futuro infinito, tem que descobrir e traçar diligentemente, desde o começo, a trilha do pensamento. E é afinal possível e, na minha opinião, provável que a estranha sobrevivência das grandes obras, sua permanência relativa através de milênios, deva-se ao fato de terem nascido na pequena e inconspícua trilha de não-tempo que o pensamento de seus autores



percorreu por entre um passado e um futuro infinitos. Por terem aceito passado e futuro como dirigidos e apontados, por assim dizer, para eles mesmos — como aquilo que *os* antecede e *os* sucede, como *seu* passado e *seu* futuro —, eles conquistaram para si mesmos um presente, uma espécie de tempo sem tempo no qual os homens podem criar obras atemporais com que transcendam sua própria finitude.

Essa atemporalidade não é certamente a eternidade; ela brota, por assim dizer, do choque entre passado e futuro, ao passo que eternidade é o conceito limite, impensável porque assinala o colapso de todas as dimensões temporais. A dimensão temporal do *nunc stans*, experimentada na atividade de pensar, reúne junto a si os tempos ausentes, o ainda-não e o não-mais. É o que Kant chama de “terra do puro intelecto” (*Land des reinen Verstandes*), “uma ilha, encerrada dentro de limites inalteráveis pela própria natureza”, e “rodeada por um vasto e tempestuoso oceano”, o mar da vida cotidiana.¹⁴ E embora não acredite que esta é a “terra da verdade”, ela é certamente o único domínio onde o conjunto de uma vida humana e seu significado — de resto inacessível a homens mortais (*nemo ante mortem beatus esse dici potest*), cuja existência, ao contrário de todas as outras coisas que só começam a *ser* em sentido enfático quando estão terminadas, termina quando não é mais —, onde esse conjunto inapreensível pode se manifestar como a pura continuidade do eu-sou, uma presença que permanece em meio à transitoriedade sempre mutável do mundo. É por causa dessa experiência do ego pensante que o primado do presente, no mundo das aparências, o mais transitório dos tempos, tornou-se quase um alvo dogmático da especulação filosófica.

Ao fim dessas reflexões, gostaria de chamar a atenção não para o meu “método”, nem para os meus “critérios”, ou, ainda pior, para os meus “valores” — todos estes, numa tal incursão, permanecem caridosamente ocultos ao próprio autor, embora possam ser, ou melhor, *parecer* manifestos ao leitor e ouvinte; mas para o que, na minha opinião, é a pressuposição básica desta investigação. Já que me detive nas “falácias” metafísicas, que, como vimos, contêm, indicações importantes sobre essa atividade curiosa e fora de ordem chamada pensamento. Em outras palavras, juntei-me claramente às fileiras daqueles que, já há algum tempo, vêm tentando desmontar a metafísica e a filosofia, com todas as suas categorias, do modo como as conhecemos, desde o seu começo, na Grécia, até hoje. Tal desmontagem só é possível se aceitarmos que o fio da tradição está rompido e que não podemos reatá-lo. Historicamente falando, o que de fato se partiu foi a trindade romana que por milhares de anos uniu religião, autoridade e tradição. A perda dessa trindade não destrói o passado, e o processo de desmontagem, em si mesmo, não é destrutivo; ele apenas tira conclusões a respeito de uma perda que é um fato e, como tal, não mais pertence à “história das idéias”, mas à nossa história política, à história do nosso mundo.

O que se perdeu foi a continuidade do passado, tal como ela parecia passar de geração em geração, desenvolvendo-se no processo de sua própria consistência.